

Há pérolas na favela



Dez anos depois de *Cidade de Deus*, o realizador brasileiro Luciano Vidigal voltou à favela para filmar o que foi feito dos meninos de Fernando Meirelles. Podia ser apenas uma anatomia de um filme, mas talvez seja também uma anatomia de um Brasil em mudança, e da sua própria vida de favelado.

Ana Dias
Cordeiro



Luciano Vidigal é uma celebridade. Não nas colinas de Hollywood – nas favelas do Rio de Janeiro. Para este realizador brasileiro, de 34 anos, os morros do Rio são um mundo dentro de outro mundo maior. E a sua fama ajudou-o a ganhar a confiança “do tráfico” para poder lá filmar. “Quando ia falar com os traficantes, o mais importante era tratá-los como seres humanos.” Não há volta a dar: “Eles são seres humanos e alguns eram amigos de infância.”

Essa é uma das vias para entender o seu cinema. “Um cinema que pega o estereótipo e o humaniza. Esse é o meu cinema, aquele que eu quero fazer.” A outra: “Criar pré-roteiros e deixar o acaso acontecer. É isso o documentário.” Foram sobretudo documentários que fez, até hoje.

Rocinha, *Cidade de Deus*, Vigário Geral, *Canta Galo*, Vidigal, e muitas mais. Sob o largo abraço do Cristo Redentor, as favelas compõem um universo sagrado e colorido, impiedoso e trágico, que deixou feridas mas também espalhou afectos. Basta dizer que Trio Ternura é o nome dado aos três miúdos assaltantes, em *Cidade de Deus*, o filme de Fernando Meirelles, e que eles, ao mesmo tempo que propagam o terror, repartem o que roubam pelas pessoas da favela, em troca de protecção.

Dentro desses bairros, “existem diamantes”, “pessoas muito talentosas”, como dirá Luciano Vidigal na entrevista ao Ipsilon – é o que tentará mostrar em *Cidade de Deus - 10 Anos Depois*, retrato dos actores do filme hoje, com estreia prevista para 2013. Nesse documentário, ainda em rodagem no Brasil, ouvir-se-á um dos seus entrevistados dizer também: “O filme *Cidade de Deus* mostrou que dentro das comunidades havia pérolas.”

Pérolas de actores, de pessoas. Muitos deles, ainda crianças antes do filme. Tinham vidas de criança. Os mais velhos estudavam, trabalha-

vam, pensavam ganhar a vida na tropa. Ou nenhuma destas três coisas. Uma minoria – uns dois ou três – tinha passado pelo tráfico. Outra minoria recaiu: no tráfico ou no vício. Para muitos, vários deles moradores no morro do Vidigal, o filme foi uma oportunidade de ouro que souberam agarrar. Em *Cidade de Deus - 10 Anos Depois*, meninos, agora adultos, contam onde estão, e também lembram como foi.

Como foi a cena em que Zé Pequeno dispara sobre o pé de uma criança, que chora, assustada? “Eu tinha medo do Leandro Firmino [que fazia de Zé Pequeno mais velho]. Eles criaram um medo em mim para eu conseguir chorar. E daí foi mesmo.”

Jonathan Haagensen confessa não saber “como fazer para sair deste filme, como fazer para ser Jonathan, o actor” e não Cabeleira, o personagem. Seu Jorge, cantor e actor, que veste a pele de Mané Galinha (criminoso que existiu mesmo nos anos 1970 e 1980 da *Cidade de Deus*), conquistou, com esse papel, notoriedade internacional: “Eu acho que mereci. Pela obra que é, pela relevância que tem e pela interferência que teve.” Douglas Silva (Dadinho), um dos actores que voltaram a trabalhar com Fernando Meirelles na série que este produz, *Cidade dos Homens*, diz: “O galera da pista acha que é um documentário da nossa vida. E o galera do morro acha que nós estamos representando muito.”

Com o tempo e como ficção, o filme de Meirelles, adaptado do livro homónimo de Paulo Lins (1997), ganha distância, mas sempre com a objectiva colada à realidade. Um filme na fronteira entre a ficção e o documentário? “A opção de ter os actores da favela foi inovadora no cinema brasileiro”, nota Luciano Vidigal. “O lado documentário vem mais por essa narrativa, mas o que o filme mostra é uma época que o livro retratou mas que já não existe.”

Nomeado para cinco Óscares (Me-



FOTOGRAFIAS DE DANIELA CANTOZALI



Depois de ter sido o Dadinho em *Cidade de Deus* (o menino que segura a pistola no fotograma que aqui reproduzimos), Douglas Silva (à direita na primeira foto) voltou a trabalhar com Fernando Meirelles na série *Cidade dos Homens*; Alice Braga, que foi Angélica, a namorada de Buscapé, é agora atriz em Hollywood — Vidigal filmou-a na mesma praia em que aparecia de biquíni no filme

“Quando ia falar com os traficantes, o mais importante era tratá-los como seres humanos. Alguns eram amigos de infância. Um cinema que pega o estereótipo e o humaniza — esse é o meu cinema, aquele que eu quero fazer” Luciano Vidigal

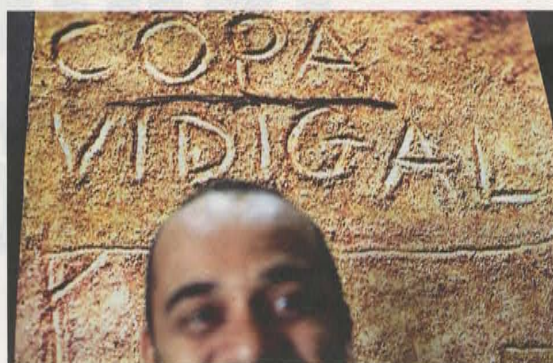
lhor Realizador, Montagem, Fotografia e Argumento Adaptado) em 2004 e presente em 2002 na Seleção Oficial de três grandes festivais — Cannes, Montréal e Toronto —, *Cidade de Deus* despertou o interesse da crítica internacional por um “novo cinema brasileiro”.

Um símbolo do país

Luciano Vidigal foi assistente do realizador na fase de pré-produção. Ele e Guti Fraga — director da associação e grupo de teatro Nós do Morro —, a pedido do realizador Fernando Meirelles, começaram por encontrar quatro mil jovens actores, dos quais seleccionaram 400. Fizeram, com eles, um atelier de interpretação, que ajudou a criar o elenco do filme. “Tenho orgulho em dizer que descobri os actores Leandro Firmino e Douglas Silva [Zé Pequeno em adulto e em criança, respectivamente].” Agora é Luciano quem pega na câmara para mostrar onde estão os actores, hoje.

“[*Cidade de Deus - 10 Anos Depois*] é um filme sobre transformação e caminhos — é um filme sobre o Brasil, dez anos depois, mas focado nos actores.” No caminho que eles percorreram, naquilo em que se transformaram. “É um símbolo do país, porque a arte tem um dos maiores poderes para representar o país”.

“Encontrei histórias surpreendentes”, diz o documentarista. Entre o vasto elenco do filme de 2002, há os que desistiram do cinema, escolhendo trabalhar em hotéis ou restaurantes. Mas muitos continuam no teatro, no cinema, na telenovela: Roberta Rodrigues (Berenice e mulher de Cabeleira) faz telenovela e cinema. “Uns tornaram-se astros” — Alice Braga (Angélica e namorada de Buscapé) é atriz em Hollywood; e Thiago Martins (Lampião) tornou-se galá das novelas da TV Globo. Na Internet, lê-se que o actor “mora agora no asfalto”, de onde vê a casa na favela onde cresceu, o Vidigal.



NUMA FERRERIA SANTOS

Luciano Vidigal nasceu e cresceu na favela que tem o seu apelido

Entre o *Cidade de Deus* de Meirelles e o seu *Cidade de Deus - 10 Anos Depois*, Luciano Vidigal realizou um dos cinco episódios de *5xFavela - Agora por nós mesmos* e um dos quatro de *Pacificação*, filmes que juntam capítulos de vários realizadores.

O primeiro, de ficção, teve uma apresentação fora da competição no Festival de Cannes em 2010 e abriu-lhe as portas para o mercado de trabalho como realizador. O segundo, documental, permitiu-lhe olhar de frente a sua própria história. Que poderia ser a de um personagem dos seus filmes, mas é sua. E se insinua, como uma sombra, em todos os seus documentários. Essa é a conclusão da conversa e o princípio da sua história.

Morro e genealogia

Vidigal, na zona Sul do Rio, é de onde vem Luciano. Nascido (em 1978) e lá criado. Nome de favela, Vidigal é também apelido — o seu. Como se o morro, ou a vida que nele palpita, penetrasse, feito coração, na sua árvore genealógica. Vidigal, a favela, é isso e mais: o foco de *Copa Vidigal* (2010), o seu mais recente documentário apresentado na semana passada no Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa, o Festin, em

Lisboa — sobre um campeonato de futebol entre favelas, organizado em nome da paz, terminada a guerra de um ano entre traficantes do Vidigal e da Rocinha.

“Quando fomos filmar, já sabíamos a narrativa: mostrar pessoas dentro e fora do campo, usar o futebol como metáfora, filmar pessoas que lutam para vencer.” Foi preciso negociar com os traficantes, chegar a um acordo com eles acerca das horas e dos locais de filmagem. Foi preciso cumprir as regras: ir à Associação de Moradores que, por sua vez, foi aos traficantes e voltou com uma autorização.

A primeira cena, real, é captada de uma varanda com vista para o morro, numa noite de um mês de 2007. Violento tiroteio, morteiros, guerra de verdade, como as que passam nos noticiários de todo o mundo (mas ficam fora deles).

“Chegou um momento em que o Vidigal parecia o Iraque. Todos os dias, às seis horas da noite, tínhamos de ir para a casa, porque havia tiroteio. Isso gerou um trauma para os moradores e para a gente que não tinha nada a ver com isso. Muitos inocentes morreram”, diz. “Espero que isso nunca mais aconteça.”

Este filme não foi pensado em fun-

ção do Mundial de Futebol de 2014 ou dos Jogos Olímpicos de 2016, ambos no Brasil, diz Luciano Vidigal. Mas pode beneficiar do espírito do momento, reconhece.

Durante os três meses que duraram as filmagens do campeonato entre favelas, o professor de futebol que organizou a Copa, Cypha, recebeu ameaças de morte. Foi “o acaso” a acontecer e a criar a essência do documentário. “Para o filme foi bom”, diz Luciano Vidigal. “Para Cypha, foi traumatizante.”

Íntimo e directo

Sentado num sofá do hall do Cinema São Jorge, onde se realizou o Festin, Luciano Vidigal bem pode sonhar com a sala VIP de um sofisticado hotel de uma grande metrópole. Quando *5xFavela* foi apresentado em Cannes há dois anos, fora da competição, o *Hollywood Reporter*, de Los Angeles, escreveu: “O futuro do cinema brasileiro está em boas mãos.” E o *El País* referiu-se ao filme como “uma das sensações do Festival de Cannes”.

Nos seus documentários, escolhe, do material filmado, os personagens (reais) que acabam por revelar ter as histórias mais fortes e interessantes, e deixa que o filme, produto final, os acompanhe. “Ter mais cinema directo. Aprofundar mais. O documentário para mim tem de ser mais intimidade. Quando você é íntimo, você é universal.”

E, no seu íntimo, há uma experiência trágica que quer traduzir em linguagem universal. O seu irmão mais novo entrou para o tráfico aos 14 anos e saiu quando tinha 18. Participou na guerra dos traficantes, viveu armado na favela onde a família morava, numa outra casa. “A família sofreu muito com isso. Antes de ser preso, muitas vezes, eu ia lá pedir-lhe para ele sair. Via ele passar com a metralhadora na minha frente.” Foram imagens que o marcaram. E todos os seus filmes têm um pouco disso.